

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 221

Data: 08/81

Pg.: 5

Desmentida versão da Funai

SARAMPO MATA 21 WAIMIRÍ-ATROARI

Abril e maio de 1981: nova epidemia de sarampo grava entre os Waimiri-Atroari, matando 21 dos 116 indígenas do Posto de Terraplenagem, na rodovia Manaus-Caracará (BR-174). Se a Funai tivesse enviado pessoal suficiente para cuidar da saúde deles, essa situação teria sido evitada, averiguou o Porantim na área.

As 21 mortes em Terraplenagem vieram confirmar, uma vez mais, o propósito da Funai em esconder a verdade dos fatos. Em junho último, a Delegacia de Manaus informava que apenas quatro índios haviam morrido.

No começo do surto, o médico do órgão deslocou-se para a BR-174, dando instruções para que todos os doentes fossem tratados na reserva, pois os hospitais de Manaus não tinham condições de internar tantas pessoas de uma só vez. A Casa do Índio também estava isolada e na ocasião o sarampo não havia feito nenhuma vítima fatal.

Na sua insistência em alardear que a epidemia fora provocada por um índio Wai-Wai que teria visitado os Waimiri-Atroari, a Funai desviou a atenção geral sobre as verdadeiras causas do sarampo em Terraplenagem. Concluiu-se, no entanto, que a Casa do Índio em Manaus, ao invés de curar, disseminou ainda mais as moléstias contagiosas para as áreas indígenas.

O FIM CADA VEZ MAIS PRÓXIMO

Entre os casos mais graves, estava o de uma índia que abortara gêmeos. Ela foi abandonada pelos familiares, apesar de a Funai ter convencido seu marido a permitir o tratamento. Uma viatura levou-a até o 6º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC), juntamente com o marido, uma filha pequena e outros índios acometidos de doenças diversas. Em vão: ela não resistiu, vindo a falecer durante a viagem, à altura do quilômetro 274.

Da criança que necessitava urgentemente de infusão sanguínea, ao esgotamento de soluções injetáveis de soro e à ausência de diagnósticos rápidos, repentinamente foram tombando os 21 Waimiri-Atroari.

Os atendentes de enfermagem da Funai permaneceram praticamente sozinhos, cuidando dos doentes, e após o retorno do médico a Manaus, as mortes ocorreram quase que diariamente. Os medicamentos solicitados chegaram à área, embora não existisse pessoal suficiente para ministrá-los à comunidade indígena. Em razão de seus próprios costumes, eles também recusaram-se a tomar soros em suas malocas. Isso, somado à má alimentação em consequência da doença, só trouxe prejuízos aos que esperavam recuperar-se.

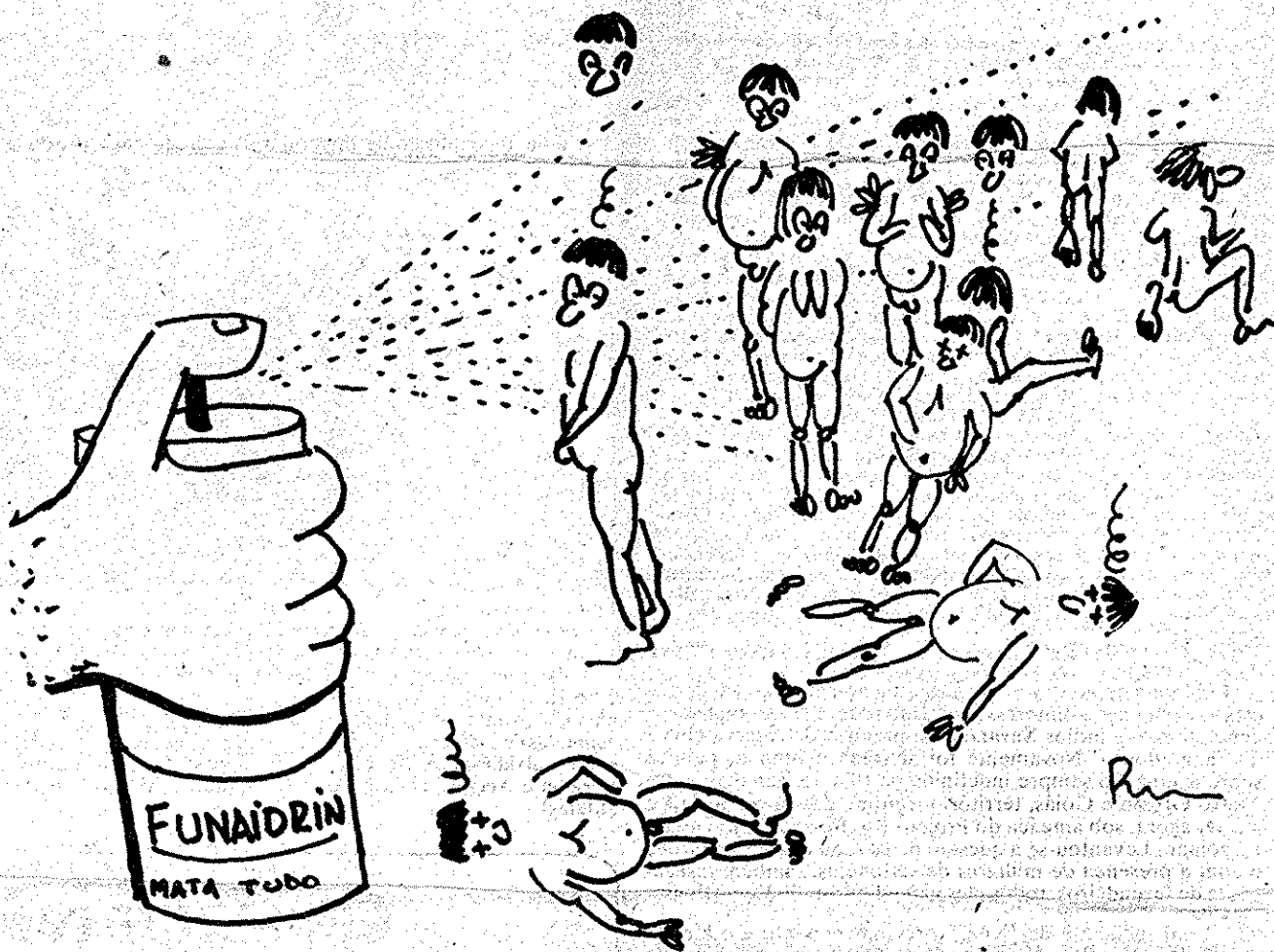
NÃO VACINADOS

Com muito ufanismo, a Imprensa da Capital amazense anunciou em fins de julho, o surgimento da futura cidade de Balbina, onde será construída a hidrelétrica do rio Uatumã. Coincidentemente, o governo brasileiro obtinha financiamentos no exterior para iniciar as obras.

Enquanto os índios iam morrendo à míngua, a Funai esforçava-se para esconder a realidade. Publicava em sua folclórica e luxuosa revista "Atualidade Indígena", que "tudo está bem: os Waimiri-Atroari foram pacificados; convivem com a sociedade envolvente". "Convivem", não! São massacrados!

Os Atroari da maloca de Yawacá, construída há pouco tempo nas adjacências de Terraplenagem, foram vítimas da negligência da Funai, que cruzou os braços quando deveria ter agido.

A partir da primeira semana de abril, conforme o Porantim pode levantar, o panorama sofreu modificações seríssimas: Samuel, um menino Atroari, retornou à aldeia, após tratamento de uma tuberculose biliar em Manaus. Nem bem chegou ali, começou a sentir forte febre, obrigando a Funai a levá-lo de volta à Capital. Não demorou muito, surgiu um segundo caso, sucedendo-se vários outros, entre crianças e adultos não vacinados.



SACRIFÍCIO SEM GLÓRIA

O esquema de atendimento montado em Terraplenagem em fins de maio, pode ser considerado nesse período negro da história dos Waimiri-Atroari, um sacrifício sem glória. Senão, vejamos: os índios doentes, sem a devida assistência médica, sem local apropriado (isolamento) e sem condições para uma recuperação perfeita, ofereciam cenas constrangedoras, impedindo qualquer esforço no sentido de salvá-los. Ainda assim, os funcionários da Funai relutaram em retirá-los das malocas,

ficando alguns deles em barracas cobertas de alumínio, estruturadas pela chefia do Posto.

Medicação parental e oral, verificação de sinais vitais e um pouco de alimentação, foi tudo o que os atendentes de enfermagem tentaram fazer por aquele povo. Sem qualquer resultado positivo. A assistência médica efetiva, preventiva e permanente que muitos preconizaram para os índios, continua sendo desprezada pelos homens que dirigem desastrosamente o órgão "tutor". E os índios vão morrendo por absoluta falta de um cuidado imediato e seguro com sua saúde.